

**Modalidade:** Ensino

## **ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DE CLASSES SOCIAIS ATRAVÉS DA HISTÓRIA DA INDUMENTÁRIA GAÚCHA**

*Analysis of the representation of social classes through the history of the gaúcha clothing*

PEREIRA, Keyla Gabriele Fleck; Graduanda; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, keylagfp@hotmail.com<sup>1</sup>

THEISEN, Fernanda Caumo; Mestre; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, fernanda.ct@erechim.ifrs.edu.br<sup>2</sup>

**Resumo:** A presente pesquisa consiste em uma revisão bibliográfica sobre indumentária gaúcha como constituição, sinalização e reprodução das posições de classes sociais. O objetivo é de refletir sobre o caráter comunicacional da moda aproximando a indumentária gaúcha ao meio acadêmico a partir de uma análise referente as representações das classes sociais. Para tanto necessitou-se usar bibliografias de autores para abordar inicialmente um contexto geral da representação social através da roupa para depois, então, apontar essa representação na indumentária gaúcha desde o período de colonização do RS até os dias de hoje. Esse trajeto possibilitou ver que é identificável a distinção de classes através da vestimenta nos períodos destacados pela autora Véra Zattera.

**Palavras chave:** Indumentária Gaúcha. Comunicação e Moda. Cultura.

**Abstract:** The present research consists of a theoretical reflection on gaucho clothing as constitution, signaling and reproduction of the positions of social classes. The objective is to reflect on the communicational character of fashion approaching Gaucho clothing to the academic milieu from an analysis referring to the representations of social classes. For this it was necessary to use bibliographies of authors to initially approach a general context of social representation through clothing, and then to point out this representation in Gaucho clothing from the period of colonization of RS to the present day. This trajectory made it possible to see that the distinction of classes through dress was identified in the periods highlighted by the author Véra Zattera.

**Keywords:** Gaucho Clothing. Communication. Culture.

### **1 INTRODUÇÃO**

Esta pesquisa apresenta uma revisão bibliográfica sobre a representação de uma classe social através da vestimenta, com enfoque principal na indumentária gaúcha desde a colonização até hoje. É de grande valia pois a mestiçagem do povo gaúcho traz uma análise global sendo entendida como fenômeno social. A roupa identifica um grupo social, bem

<sup>1</sup>Graduanda do curso superior em Tecnologia em Design de Moda do IFRS, Campus Erechim.

<sup>2</sup>Docente do IFRS- Campus Erechim nas áreas de Moda e Vestuário, mestre em Design pela UniRitter.

como diferencia a posição social do indivíduo. Na indumentária gaúcha existe essa diferenciação citada por diferentes autores que classificam 4 épocas com roupas distintas, ainda subdividindo em peão, vaqueiro, empregado e o estancieiro, charqueador ou chefe, com a respectiva roupa feminina de cada. Um segue a moral europeia e o outro muito da cultura indígena local. Será apresentado como elas aparecem e são subentendidas quando relacionado este ser social aos seus meios de produção. Assim, é possível mostrar a moda e indumentária como formas de comunicação, mesmo por meio de uma indumentária regrada e por alguns autores considerada estática, a indumentária gaúcha representa algum detalhe social de uma época até os dias de hoje.

Para tanto foram utilizadas bibliografias de autores renomados da área da sociologia e comunicação contemplando, assim, um contexto geral da moda, a nível histórico mundial. Pois como a cultura gaúcha é derivada da europeia e mesclada com a indígena local, logo necessita de uma análise em âmbito mundial para ser compreendida como fenômeno social. Bem como, bibliografias que relatam a indumentária gaúcha desde a colonização. Através dessa conexão e análise é possível constatar a relação destes seres sociais, das suas formas de vestir considerando os seus meios de produção que geram a representação e sinalização das diferentes classes sociais.

Sendo assim, o artigo é composto por esta introdução, seguido pela revisão da literatura que aborda toda a análise bibliográfica, seguida dos resultados obtidos e da metodologia e finaliza com as considerações finais que mostram como é trazido até hoje na indumentária gaúcha tradicionalista vestígios dessa história social.

## **2 REVISÃO DA LITERATURA**

### **2.1 A roupa como comunicação de diferenciação de classes sociais**

A moda e a roupa por si só não identificam uma classe social se não existe classes diferentes na sociedade. As classes resultam de condições econômicas diferentes e só aparecem em sociedades organizadas que produzem além do mínimo para sobrevivência. A produção é a palavra-chave. A classe social acaba sendo definida pelos meios de produção que o indivíduo ocupa. Essa conclusão é apontada por Barnard que faz uma análise profunda no livro *Moda e Comunicação*, aonde baseia-se em Marx que diz que “as relações sociais estão intimamente ligadas às formas de produção” (MARX, 1975 apud BARNARD, 2003).

Logo, a indumentária é considerada uma forma pelas quais as posições de classe são constituídas, sinalizadas e reproduzidas. O modo pelo qual os indivíduos de um grupo social respondem ao uso de um relativo corte de roupa é como acontece a relativa

importância cultural dada a mesma e a classe vigente, ou seja, uma resposta cultural. Como aponta

Barnard “Proteção, camuflagem, pudor e impudícia são formas de alguém comunicar uma posição numa ordem cultural e social, tanto para os outros membros da ordem a que pertencem, quanto para aqueles que estão fora dela” (BARNARD, 2003, p. 91).

É pertinente quando se fala em distinção social falar das leis suntuárias. Barnard (2003) relata citando Wilson (1985) que os primórdios do capitalismo mais ou menos pelo século XVI delinearão uma noção de moda como estilos que se modificam e por volta do fim deste século e início do próximo, tudo o que era respeito de moda “foi amplamente determinado pela corte” (Wilson, 1985 apud BARNARD, 2003). Segundo Barnard (2003), as leis suntuárias eram uma tentativa de regulamentar o que as diferentes classes poderiam vestir, tornando natural através da permissão ou não do uso de tal. Por meio de Hurlock é perceptível que essas leis tinham a intenção de legitimar as desigualdades sociais:

As leis suntuárias eram principalmente usadas para preservar distinções de classes. Quando os membros da nobreza viram sua posição de supremacia sendo usurpada pelas classes mais baixas que haviam atingido a riqueza, eles fizeram passar leis para restaurar o respeito pela desigualdade das camadas sociais outrora existentes. (HURLOCK, 1965 apud BARNARD, 2003)

Sendo assim, é possível pensar amplamente em relação a diferenciações. Se pensar em Roma e Grécia antiga, naturalmente, identifica-se uma pessoa com túnica longa ou curta com significações diretas de que um é o servo e outro pertence a aristocracia. Se analisarmos do ponto de vista aquisitivo, o poder de aquisição de maior quantidade de tecido não está na mão do servo. Mas essa diferenciação não ocorre apenas quando se fala em quantidade, como pode ser identificado por LAYER (1989) que faz uma observação quanto a quantidade de tecido, qualidade e cores usado para cada classe social, diferenciando também de acordo com o sexo.

A túnica, entretanto, era muito mais comprida do que a masculina e formava uma veste que chegava aos pés. Era feita primeiramente de lã, depois de linho ou algodão e, finalmente, para os ricos, de seda. As cores preferidas eram vermelho, amarelo e azul, e o traje costumava ser ornamentado com uma franja dourada e fartamente bordado. (LAYER 1989, p. 41)

Lipovetsky (1987) trata com muito cuidado do assunto. Não nega a representação obtida pela análise anteriormente feita, mas ainda assim, o autor ressalta que a moda não deve ser tratada apenas como representação de classe, mas como representação da individualidade, do ego, através do que ele chama ser sedução. Considera “a moda como sistema é que é inseparável do “individualismo” — em outras palavras, de uma relativa

liberdade deixada às pessoas para rejeitar, modular ou aceitar as novidades do dia —, do princípio que permite aderir ou não aos cânones do momento” (LIPOVETSKY, 1987, p.47).

Barnard faz uma observação interessante sobre os trajes femininos em certos períodos e enfatiza a mulher como propriedade do marido e traziam essas representações através de seus trajes.

A própria opulência dos estilos e dos trajes era um sinal da situação financeira do marido, e da subserviência da esposa, como sendo propriedade dele. Citando Roberts, Oakley diz que as mangas desse período eram tão estruturadas que “era virtualmente impossível levantar os braços até a altura do obro ou fazer um gesto agressivo ou ameaçador” (Oakley 1981 apud BARNARD, 2003)

Assim, é trazida a imagem de delicadeza e submissão da mulher, da mesma forma como o espartilho a prendia, dando o efeito de parecer inteiramente inativa e passiva. Ainda sobre a mulher como representação de moda e de valor, Lipovetsky faz pensar sobre a era dos grandes costureiros, quando a moda passa a ser considerada arte e onde o dandismo tira a moda do ser masculino e passa a ser representada pela mulher. Mas tudo isso conciso no período social vivido na época como o próprio autor coloca:

O traje masculino neutro, escuro, austero, traduziu a consagração da ideologia igualitária como ética conquistadora da poupança, do mérito, do trabalho das classes burguesas. O vestuário precioso da aristocracia, signo da festa e do fausto, foi substituído por um traje que exprime as novas legitimidades sociais: a igualdade, a economia, o esforço. Espoliação dos homens do brilho dos artifícios em benefício das mulheres, estas sim destinadas a dar continuidade aos símbolos de luxo, de sedução, de frivolidade. Mas é preciso ver nessa nova repartição das aparências apenas uma forma daquilo que Veblen chamava de “consumo por procuração”, um meio de continuar a exhibir, por intermédio das mulheres, o poder pecuniário e o estatuto social masculino? Seria subestimar o peso das representações culturais e estéticas que, há séculos e milênios, são ligadas à posição do feminino. Qualquer que seja o papel desempenhado aqui pelo dispêndio demonstrativo de classe, a monopolização feminina dos artifícios é inteligivelmente separada da representação coletiva do “belo sexo”, da feminilidade destinada a agradar, a seduzir por seus atributos físicos e pelo jogo do factício. (LIPOVETSKY, 1987, p.105-106)

Assim, fica a reflexão de algumas das várias representações comunicacionais obtidas através do vestuário. Seja a representação da classe social o resultado do que a classe produz. É inegável a comunicação feita através dos trajes. Seja por ego e individualidade, o poder da sedução sempre anda atrelado ao querer mostrar-se ser de um grupo social, equivalente a uma classe social.

## 2.2 Análise da representação de classes sociais nas imagens da indumentária gaúcha ao longo da história

Usando como base a bibliografia da autora Véra Stedille Zattera (1997) e do autor Moacyr Flores (2013) usa-se como data inicial os anos de 1730, data que marca o início da formação das primeiras estâncias e, logo, das cidades. É importante salientar que a divisão dos períodos aqui trazidos é do livro da Véra Zattera: Gaúcho - Vestuário Tradicional e Costumes. Bem como toda explicação contida abaixo é baseada teoricamente nesta mesma obra.

Na Figura 1 é trazida uma montagem relativa aos 2 primeiros períodos que se tem registro. Olhando, é possível distinguir exatamente a classe social caracterizada pela moda europeia, dono da estância e dono da charqueada e a do trabalhador das mesmas.

**Figura 1:** Montagem dos trajes do período da formação de estâncias e charqueadas



Fonte: <http://www.vsz.com.br/>

Sobre o peão do 1º período Pesavento (1985) coloca: As estâncias de gado, que se constituíram, realizavam uma criação extensiva do rebanho, utilizando como mão-de-obra os peões. Estes eram elementos subalternos do antigo bando armado que tropeava gado ou índios egressos das missões (PESAVENTO, 1985, p. 15). Por meio dessa observação é possível entender sua vestimenta como de trabalho. Nos dois quadros se observa o uso do laço e boleadeiras para o peão e para o estancieiro apenas o uso do chicote. Aponta exatamente a atividade que cada um exercia. Um trabalhador e caçador e o outro mandante. A figura feminina, principalmente no primeiro período pode ser observada através da simples análise da cor das roupas. A estancieira usa um vestido bem detalhado e na cor branca, com meias da mesma cor, demonstra a delicadeza de quem não efetuava trabalho braçal. Ao contrário da figura feminina que nem calçados usa, demonstrando a rudeza tida no trabalho do campo.

Já na Figura 2 é possível observar no traje de 1865 a 1950. Neste quadro, é suscetível imaginar que o homem trajado de terno e gravata representa um empresário e mesmo sem saber das informações relativas a sociedade vigente da época, percebemos que estes gaúchos já não viviam no campo.

**Figura 2:** Montagem dos trajes do período de desenvolvimento do gaúcho e indumentária tradicionalista



Fonte: [www.vsz.com.br](http://www.vsz.com.br)

O fazendeiro é um empresário preocupado em aperfeiçoar sua cultura e sua gaderia. As técnicas nacionais e internacionais de ponta na agropecuária são adaptadas visando ao desenvolvimento dos negócios do Rio Grande. O peão, empregado rural, o tratorista e o capataz o acompanham; o homem da cidade se empenha na indústria e no comércio e assim o Rio Grande cresce. (ZATTERA, 1997, p. 125)

Portanto, apresentam-se dois homens bem trajados mesmo com diferença de classe social. Ainda se identifica que o homem de bombacha é derivado do peão trabalhador do campo, aqui chamado de capataz já não representa mais a mais baixa das classes, e pode ser considerado de uma classe média. Partindo desse ponto de vista passamos a analisar a última imagem, aonde a característica do peão tradicionalista e da prenda tradicionalista acompanha essa classe média.

Atualmente a pilcha gaúcha tradicionalista é considerada traje social pela lei nº 8.813. A prenda seria a representação da mulher campesina, na sua força, alegria e delicadeza. O peão, retrato da destreza e elegância.

### 3 METODOLOGIA

Este artigo caracteriza-se como revisão bibliográfica. Por meio de autores renomados como Barnard (2003), Laver (1989), Lipovetsky (1987) foi possível entender a moda e representação de classes social de um modo geral. Consecutivamente a isso, Zattera (1997) e Pesavento (1985) contemplaram uma análise mais local.

Depois da revisão bibliográfica partiu-se para análise através das imagens contidas no livro “Gaúcho - Vestuário Tradicional e Costumes” que por meio de uma montagem facilitaram a visualização da evolução da indumentária gaúcha, bem como a distinção apresentada nos trajes partindo do viés de que os meios de produção ligam as relações sociais e são identificados através da vestimenta.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O modo de vida de cada pessoa identifica a classe social a qual pertence, sendo que as roupas por ela utilizadas também contribuem na definição. A forma como a sociedade se organiza desde a antiguidade permite este reconhecimento. Da mesma forma, desde o início da colonização o Rio Grande do Sul destaca-se a indumentária gaúcha identificando a classe social a que seu usuário pertence.

Nesse sentido, em todas as épocas da indumentária gaúcha são visíveis as diferenças tidas na vestimenta dos peões trabalhadores subordinados e do chefe, bem como das respectivas mulheres. A vestimenta identifica o meio de produção dos indivíduos, bem como sinaliza a classe à qual eles pertencem.

Ainda hoje notam-se vestígios dessa história na indumentária gaúcha tradicionalista. A roupa se modificou um pouco, mas ainda se adequa aos meios de produção aos quais estão inseridos, como a dança e a lida campeira. Em função da vasta quantidade de conteúdo que possa ser abordado, o presente artigo abre um leque de opções de futuras pesquisas bem como aprofundamento da mesma.

#### **REFERÊNCIAS**

- BARNARD, M. **Moda e Comunicação**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2003
- FLORES, M. **História do Rio Grande do Sul**. 9.Ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2013
- LAVIER, J. **A roupa e a moda: uma história concisa**. Ed. São Paulo: Editora Schwarcz, 1989.
- LIPOVETSKY, G. **O Império do Efêmero**. 1. Ed. São Paulo: Editora Schwarcz, 1987
- PESAVENTO, S. J. **História do Rio Grande do Sul**. 1. Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.
- ZATTERA, V. S. **Gaúcho – Vestuário Tradicional e Costumes**. 1. Ed. Porto Alegre: Pallotti, 1997